

jovens bêbados ou desses covardes escrotos do metrô: gangues de jovens que só me insultam quando estão em grupo.”

Depois que se formou na Taft High School em 1954, ele frequentou o City College, onde participava de um grupo de teatro, escrevia sobre esportes no jornal do campus, candidatou-se a vice-presidente de sua turma — e ganhou. “Depois de dois anos no City College de Nova York, achei que já devia cair na vida e conseguir um emprego como apresentador ou ator de televisão”, disse ele. “Então saí da faculdade, mas em todo lugar me perguntavam ‘Que experiência você tem?’. Candidatei-me para trabalhar no espetáculo da Broadway *The tall story*, sobre um jogador de basquete, mas eu era alto demais.”

A única coisa que ele conseguia fazer na televisão era o papel de monstro, e suas falas limitavam-se a uma série de grunhidos e gemidos. Talvez seu único consolo na vida seja a convicção de que, em Nova York, é melhor dar muito na vista do que passar inteiramente despercebido. “Em Nova York”, disse o Homem Mais Alto, “sinto que sou alguém. Sinto que tenho que passar uma impressão de prosperidade no metrô, que não posso sair sem paletó e gravata. Sei que todas as pessoas que encontro em Nova York vão ter uma reação positiva ou negativa em relação a mim, por causa do meu tamanho.”

O Homem Mais Alto de Nova York tem um sorriso irônico, é extremamente inteligente e tem um senso de humor cáustico. “Nova York”, reflete ele, “é uma cidade movimentada e interessante. Cada dia é um novo desafio — mais um passo para se adquirir uma úlcera. Nesta cidade a gente está sempre esperando o telefonema de algum filho-da-puta — e ele não liga.”

Nova York é uma cidade de profissões estranhas

Toda tarde em Nova York um saxofonista meio maltrapilho, as bochechas enfunadas feito uma vela de barco, fica na calçada tocando “Danny Boy” de um jeito tão melancólico, tão sensível, que em pouco tempo metade dos moradores das redondezas se põe a olhar pelas janelas, jogando moedas de cinco, dez e 25 centavos a seus pés. Algumas moedas rolam para baixo de carros estacionados, mas com sua mão estendida ele consegue apanhar a maioria delas.

O saxofonista é um músico de rua chamado Joe Gabler; nos últimos trinta anos ele tocou em cada quarteirão de Nova York e já chegou a ganhar, num só dia, cem dólares em moedas. Mas ele também recebe baldes de água na cabeça, latas de cerveja vazias, e acontece de ser perseguido por crianças e cães bravos. Vez por outra, em companhia de Carl, seu irmão, um guitarrista magrelo que recende a cerveja, Joe anda 32 quilômetros por dia, sete dias por semana. Joe e Carl foram criados em Lower East Side e estudaram até a terceira série. Mais tarde Joe foi para um reformatório. E antes de chegar à adolescência, os dois já andavam pelos bares tocando música.